



IRMÃOS DE TODAS AS IDADES

A INTERGERACIONALIDADE
NO ESCUTISMO

TESTEMUNHOS

3

COLEÇÃO

corpo & alma



PREFÁCIO

ESCUTISMO, DOS JOVENS E PARA OS JOVENS

\\ O Escutismo é dos jovens e para os jovens, mas não há Escutismo sem adultos. De facto, um dos elementos extraordinários do Escutismo é a intergeracionalidade que o define e caracteriza. Sendo um movimento de jovens e que visa o auto-desenvolvimento pessoal dos jovens, os adultos jogam nele um fundamental papel; logo à partida porque constituem um dos sete elementos do método, de certa forma o garante da presença e do regular funcionamento dos demais. Por outro lado, o adulto – irmão mais velho – desempenha um papel fundamental de mentoriação e testemunho junto dos jovens, que nele se reveem e projetam.

\\ Neste ano de 2012, que a Europa dedica também à solidariedade entre as gerações, é importante aqui recordar e realçar a importância que o diálogo entre gerações tem no Escutismo e que tem marcado gerações de miúdos e graúdos...

Pedro Duarte Silva
Secretário Nacional Pedagógico

“O Escutismo é dos jovens e para os jovens, mas não há Escutismo sem adultos.”



1 EDUCAR

PELO EXEMPLO

▼ Educar pelo exemplo. Desafio um pouco assustador, se nos debruçarmos sobre isso.

▼ Fui habituado a pensar que, em qualquer momento e em qualquer lugar, poderemos estar a ser observados por ‘alguém’. E que, por outro lado, o verdadeiro carácter de cada um se revela, precisamente, naqueles momentos em que pensamos que ‘ninguém’ nos observa, e somos iguais a nós próprios, sem disfarces nem defesas. Como quando estamos em nossa casa ou no nosso quarto, sem preocupações ditas ‘sociais’.

▼ Tive a sorte de ser educado com 6 irmãos, quatro deles mais velhos que eu. E por dois pais que não se poupavam no seu exercício diário de parentalidade, para nos tornar um pouco mais ‘sociais’ e um pou-

co menos ‘terroristas urbanos’. Não foi tarefa fácil.

▼ No entanto, tiveram um bom apoio: os filhos mais velhos, para os quais eles tiveram mais tempo e exclusividade, começaram a tomar conta dos mais novos que iam surgindo, mudando fraldas no início, brincando, transmitindo códigos sociais, leis domésticas, regras de jogos de rua e mesmo pequenos **truques** - tais como subir às árvores sem sujar os joelhos das calças, correr em cima de muros sem cair, cortar a pele das maçãs com canivete sem cortar dedos ou andar de bicicleta de olhos fechados...pelo desafio.

▼ E embora sendo as boas-maneiras e os valores minuciosamente garantidos e transmitidos pelos pais, eramos vigiados e controlados de perto pelos irmãos, num sistema hierárquico de gerações, onde a mais velha era a mais respeitada e, na sua ausência, o seguinte... e assim por diante. Porque, com 6 ou 7 anos, um irmão com 18 era já ‘uma



“Aprender com as experiências dos outros e, sem dar conta, ir formando o seu caráter.”

pessoa muito crescida. E cada um tinha de aprender o seu lugar.

Assim, se por acaso recebíamos uma palmada ou um castigo de um deles, era tão válido como se fosse dado por qualquer um dos pais – que, na realidade, só o faziam em situações extremas, felizmente poucas. Mas, da mesma forma, contávamos com os irmãos para nos pôr pensos nas feridas dos joelhos ou para nos ajudar nos ‘trabalhos de casa’, que nos mandavam da escola, guardando para os pais assuntos sérios tais como cabeças partidas ou janelas quebradas com a bola, na casa vizinha.

A chave acabava por ser a ‘cumplicidade’ e a aprendizagem através de gerações com vivências próprias. No apanhar a fruta da árvore, no partilhar da musica preferida, na descoberta do seu talento para o desenho ou para a cozinha, na companhia dos jogos de praia ou no emprestar da bicicleta. No devido tempo, o contar acerca da primeira namorada, ou o partilhar do

“ *O verdadeiro caráter de cada um revela-se naqueles momentos em que pensamos que ‘ninguém’ nos observa.* ”

primeiro desgosto. Saber falar com a alma. Saber ouvir com o coração. Aprender com as experiências dos outros e, sem dar conta, ir formando o seu caráter.

▼ Por isso nunca estranhei, ao ser escuteiro, a linguagem do ‘sistema de patrulhas’, da figura do dirigente (irmão mais velho) e da restante hierarquia de ‘irmãos escutas’, todos diferentes e, no entanto, todos da mesma ‘família’. Os amigos – irmãos escolhidos por nós.

▼ Os nossos valores vêm sobretudo da infância. E são consolidados e/ou reformulados ao longo de toda a nossa vida, sobretudo pela marca que adultos – que conosco conviveram – nos foram deixando. E pela lembrança e compreensão, mais ou menos agradável, dessa vivência que foram tendo conosco.

▼ Isto leva-me a pensar que, se não queremos ser apanhados em falso ou numa mentira, então temos de ser mais ‘transparentes’. De-

safo um pouco assustador, se nos debruçarmos sobre isso.

▼ Lidando com gente mais nova, sobretudo se assumimos que somos exemplo, tentamos os nossos melhores esforços para sermos um ‘bom exemplo’. Mas, muitas vezes, essa noção confunde-se com a ideia de ‘exemplo de perfeição’. E não há pessoas perfeitas. Não porque não haja pessoas boas, mas porque a escala de valores com que cada um de nós classifica os outros – ou a si mesmo – difere de pessoa para pessoa. Somos apenas humanos. A mesma pessoa pode ser um bom exemplo para uns, e ‘assim-assim’ para outros. Mas isso não importa.

▼ O que importa é que a vida, quando partilhada, gera Vida, mes-

“ *A vida, quando partilhada, gera Vida.* ”



“A noção de ‘bom exemplo’ confunde-se com a ideia de ‘exemplo de perfeição’, e não há pessoas perfeitas.

mo que essa vida partilhada seja diferente, bonita, ou por vezes suja ou mesmo feia. Porque há algo de sagrado no momento em que nos deixamos observar por alguém no mais íntimo de nós. Nesse íntimo brilha aquela centelha divina que, apesar da eventual ‘sujidade’, insiste em brilhar. E que nos torna humanamente divinos. E bonitos. E especiais. Essa partilha, mesmo sem darmos conta, vai acender a tal centelha que também existe em quem nos observa.

▼ Não temos capacidade de partilhar? Então, basta-nos ser ‘transparentes’. E deixarmo-nos observar.

▼ Porque sendo leais a nós próprios, aos nossos valores e convicções, conseguimos assentar os nossos pés em rocha firme. Sem medo de sermos ‘apanhados’ em incoerências ou mentiras.

▼ Acredito sinceramente na educação com o chamado ‘reforço positivo’. Tentar ver sempre os tais ‘10% de bom que existe em todo o

“ *Não temos capacidade de partilhar? Então, basta-nos ser ‘transparentes’. E deixarmo-nos observar.*

rapaz’, como diria Baden-Powell. Dar ‘um abraço emocional’ tanto maior quanto maior a ‘asneira’ – é nessa altura que o jovem ou a criança mais sente a necessidade de se sentir amado ‘apesar’ de saber não ser perfeito.

▼ E esse ‘abraço’ pode (e deve) ser acompanhado da devida reprimenda ou devido castigo – na consequência da dita ‘asneira’. Desde que esteja bem definido que se trata de uma orientação ou ajuste de conduta merecido, porque nós – adultos – nos importamos, e porque as regras ou os valores mais básicos terão sido desrespeitados.

▼ É o nosso papel de ‘farol’, de indicador se a direção é para mar navegável, ou para escolhos destrutivos. E de impulsionador dos outros, mesmo para ‘mares’ que não são os nossos. Tudo isto dentro das boas regras da ‘vida’ e do ‘escutismo’. Porque, para mim, ‘ambas são uma’.

(...) *Apenas sei que caminho como quem
É olhado, amado e conhecido
E por isso em cada gesto ponho
Solenidade e risco.*

(Sophia de Mello Breyner Andresen)

▼ ... se calhar, educar pelo exemplo não é tão assustador, se nos debruçarmos sobre isso.

Paulo Valdez

Chefe de Clã

Chefe de Agrupamento Adjunto

Agrupamento 109 Santo António dos Olivais

Observador do Cenáculo Nacional

Membro da Equipa da Área Pedagógica do

Campo da IV^a - XXII Acanac

“ *É o nosso papel de ‘farol’, de indicador se a direção é para mar navegável, ou para escolhos destrutivos.*



2 **RELAÇÃO** **JOVEM / ADULTO**

▼ Muitas vezes a relação educativa jovem/adulto é entendida no sentido de que o dirigente educa o jovem, num modo de atuar em que o saber passa do adulto para o jovem em sentido único. Ora isso parece-me muito longe do modo correto de fazer escutismo. Este é um movimento de autoeducação, em que os jovens são autores e objeto do seu próprio desenvolvimento, com a segurança proporcionada pelo acompanhamento de um adulto mais experiente.

▼ A vida em comum permite que aconteça uma grande troca de experiências, em primeiro lugar na vida escutista, quando partilhamos as alegrias e dificuldades das atividades já vividas. Depois, da vida particular, vem o exemplo das diversas situações, umas vezes obstáculos, outras oportunidades e momentos de felicidade que, quer o dirigente,

quer o escuteiro, põem em comum na vivência do dia a dia e que ajudam a transmitir, pela experiência vivida, os valores do CNE.

▼ É nesta partilha que vamos aprendendo a construir o nosso catálogo de valores que servirão de guia à vida. O dirigente adulto, não é apenas o transmissor da mensagem, mas, ao confrontar a sua vida com aquilo que propõe, obriga-se a um afinar permanente da sua prática à luz desses mesmos valores.

▼ A maneira como cada um vê o escutismo pode ser diferente e ao

“ O CNE é um movimento de autoeducação, em que os jovens são autores e objeto do seu próprio desenvolvimento.



mesmo tempo semelhante, pois objetivo é o mesmo.

▶ Enquanto adulto vejo o escutismo como um local onde nos divertimos em grupo, com amigos que gostam de coisas semelhantes às que gostamos, mas também onde pela realização de ações coletivas, esses projetos de equipa, vamos desenvolvendo capacidades individuais. É onde conseguimos aprender a democracia participada. Cada um tem oportunidade de expor as suas ideias, de as defender, de as confrontar com as dos outros. É também o lugar onde aprendemos a perder para que o grupo possa ganhar com as melhores ideias.

▶ Do ponto de vista do Pioneiro, o escutismo é uma forma educacional em várias áreas, pois nos escuteiros, com os nossos dirigentes, colegas de secção e das restantes, desenvolvemos as nossas capacidades. No escutismo, aprendemos a lidar com várias pessoas, com personalidades diferentes, a ter mais responsabilidade, a ajudar os

“O escutismo prepara-nos para o presente e o futuro.”

“O escutismo é um local onde nos divertimos, mas também onde, pela realização de ações coletivas, vamos desenvolvendo capacidades individuais.

outros, a superar desafios e a fazer amigos. Portanto, prepara-nos para o presente e o futuro. No fundo, o “*Sempre Alerta*” significa muito mais do que uma simples frase à qual respondemos.

Esta relação entre jovens e adultos, proporcionada pelo escutismo, valoriza também o adulto. É isso que me faz manter um espírito jovem, acompanhar a vida presente e não viver do passado, dos feitos alcançados. Enquanto adultos somos tentados a valorizar o que já vivemos e, porque talvez o corpo já não responda tão bem, deixamo-nos ficar a contemplar o que já alcançamos.

No entanto o adulto, responsável, educador, não pode esquecer qual o seu papel. Ele está ao lado do jovem para o acompanhar, para o ajudar a crescer. Não pode nunca impedir o jovem de experimentar coisas novas, de arriscar, de errar e aprender. O jovem tem de ter confiança no adulto, na sua sabedoria que vem da vida já vivida, mas ao

adulto é pedido que também confie no jovem, no seu entendimento da liberdade e capacidade de jogar de acordo com as regras, o jovem como tal não pode deixar de ser criativo e propor sempre novas aventuras ao dirigente e aos seus colegas, e acima de tudo nunca pensar que o dirigente é que tem de assumir esse papel. Ou seja, ambos têm um papel e nem o dirigente nem o jovem devem invadir o “espaço” um do outro.

“É a relação jovem/adulto que me faz manter um espírito jovem, acompanhar a vida presente e não viver do passado, dos feitos alcançados.



“Nem o dirigente nem o jovem devem invadir o “espaço” um do outro.

Esta interação, enquanto permite ao jovem explorar o mundo, sabendo que tem sempre um porto de abrigo onde se pode recolher em momentos de maior aflição, permite também ao adulto estar em contacto com o mundo atual, abre-lhe também as portas para novas oportunidades. O jovem e o adulto vivem as mesmas coisas mas de maneira diferente e este aspeto até se torna engraçado a troca de experiências tão semelhantes e tão diferentes.

Há uma característica que define os jovens e esta é a capacidade para se entregar a um projeto, neste caso o Escutismo. Os adultos têm uma tendência inata para se sentirem confortáveis com o que já conquistaram. Os mais novos pelo contrário estão sempre à procura de mais e melhor. Ainda bem que assim é, pois uma jovem escuteira é um exemplo para o dirigente. A sua assiduidade, a vivência do escutismo no dia a dia, motiva os adultos também não vacilar e estar sempre disponível para a Comunidade

“ *O adulto não pode nunca impedir o jovem de experimentar coisas novas, de arriscar, de errar e aprender.* ”

de Pioneiros. Simultaneamente, o adulto mostrou que não há obstáculos, pois com a sua vivência de participação em acampamentos internacionais, deu-me um grande exemplo de superação e também contribui para moldar a jovem personalidade, tornando-a mais pacífica, pois mantém sempre a calma em todas as situações.

▼ A diferença de gerações pode levar ao afastamento e dificultar a transmissão da mensagem. Pensamos que há um elemento essencial para que o diálogo seja possível: é necessário estar disponível para aceitar a diferença. Para começar a diferença de palavras. A linguagem mais antiquada do dirigente será prova do seu percurso, da vida experienciada. A linguagem moderna do jovem escuteiro é sinal que acompanha o seu tempo.

▼ Depois a diferença da mensagem. O adulto não poderá deixar de se apresentar ponderado, pois o percurso já percorrido condiciona as suas palavras. Quanto ao jovem,

este será sempre ousado, aventureiro. O desejo por coisas novas e diferentes será sempre o seu mote.

▼ O diálogo depende portanto desta capacidade de encontro entre duas pessoas que se encontram como dois viajantes, um que traz do passado a sua bagagem e outro que faz a sua mala para se dirigir ao futuro.

Carina Martins

Guia de Comunidade
Agrupamento 89 Delães

Luís Faustino Carvalho

Chefe de Comunidade
Agrupamento 89 Delães

“ *A diferença de gerações pode levar ao afastamento e dificultar a transmissão da mensagem.* ”



3 CONVERSA COM DANIELA

▼ **João** - Daniela, se te lembras, a primeira vez que te convidei para te envolveres em trabalho que eu estava já a desenvolver (naquela altura na Região Europeia do Escutismo) nós, além de praticamente não nos conhecermos, éramos (somos) de gerações diferentes. Lembras-te se isto te provocou alguma reflexão especial ou te fez pensar de maneira diferente relativamente a outros convites?

▼ **Daniela** - A diferença de geração não me preocupou especialmente, até porque era Caminheira e os dirigentes de IV são, regra geral, mais velhos. A diferença não foi encarada como obstáculo, mas como uma verdadeira oportunidade de aprendizagem que tinha de aproveitar e foi isso que fiz.

Acresce que, sou de uma geração de Caminheiros que cresceu com o “*mito*” do João Armando, pelo que

apesar de não te conhecer, tinha imensa vontade de trabalhar contigo.

Recordo-me que naquela primeira reunião em Bruxelas estavas preocupado com a minha integração, mas quando percebeste que não estava a ter problemas de integração deixaste-me “*livre*”.

E a ti? O facto de eu ser de uma geração diferente provocou alguma reflexão especial?

▼ **J** - Nesse primeiro convite, e para aquela função em especial, eu procurava precisamente alguém da tua geração, pelo que a busca já estava um pouco dirigida. Mas, evidentemente, ter a idade não chegava e era preciso ter as características apropriadas; teres estado no Cenáculo (ainda mais como dirigente da EP) foi uma referência de peso e depois procurei informar-me com pessoas que te conheciam melhor.

Quando te convidei para fazeres parte da “*minha*” Equipa Internacional já foi diferente. Quando constituo equipas, para além das



características básicas de um “jogador de equipa”, procuro alguém que possa trazer perspetivas e experiências que possam complementar as minhas (e de outros elementos da equipa). Essencialmente procuro pessoas, e as que são de outra geração trazem, à partida, essa diversidade que procuro e que enriquece a equipa e a mim próprio.

Lembras-te de algum aspeto do nosso trabalho em que as nossas diferenças de opinião tenham tido origem geracional?

▼ D - Não creio que as divergências de opinião estejam relacionadas com uma diferença de geração, até porque não creio que a nossa diferença de idades nos torne diferentes, pois somos muito parecidos em muitos aspetos. Creio que a divergência de opinião relativamente a alguns assuntos estava relacionado com o facto de eu querer sempre demonstrar um ponto de vista diferente do das restantes pessoas, sendo que esse ponto de vista não correspondia necessariamente à minha opinião.

“As diferenças de opinião nascem da diferença de percursos/bagagens o que, desde que se saiba gerir, é uma mais-valia.

“ A diferença não foi encarada como obstáculo, mas como uma verdadeira oportunidade de aprendizagem que tinha de aproveitar.

Não era uma necessidade de ser diferente, mas tão-só de demonstrar que existiam várias perspetivas sobre um determinado assunto e que todas as perspetivas deveriam ser consideradas no momento da decisão final. Creio que dessa forma podia dar um contributo positivo para equipa, mesmo que isso levasse a discussões infundáveis sobre determinado assunto.

Acho que a diferença de geração me permitiu aprender com a tua experiência, levou-me a pedir-te opinião relativamente a muitos assuntos sobretudo não escutistas, o que me levou muitas vezes a pensar que a relação era muito unilateral – eu recebia, sem dar nada em troca! O que me leva a uma nova pergunta: Achas que (apesar de eu ser de uma geração mais nova do que a tua) conseguiste aprender alguma coisa comigo? Achas que as divergências de opinião advinham da diferença geracional?

▼ J - Sem dúvida que aprendi contigo e com os outros da tua geração que faziam parte da equipa. Como

certamente aprenderia de outras pessoas, de gerações e percursos diferentes; e eu acho que isso é o mais importante: sermos capazes de “ver” o nosso interlocutor/colaborador como uma pessoa, igual mas diferente de todas as outras. As diferenças de opinião nascem dessa diferença de percursos/bagagens o que, desde que se saiba gerir, é uma mais-valia (e acho que connosco acabou por ser).

É claro que há coisas em que os da tua geração hoje são melhores ou estão mais à vontade, nomeadamente por serem “filhos diretos” da revolução digital. Mas para mim, algo de fascinante foi poder ter ali, em primeira mão e na primeira pessoa, as ideias e os pensamentos de uma geração bem próxima daquela que dizemos Servir. Isso permitiu muitas vezes corrigir conceitos e ajustar as mensagens ao público.

Mas o mais significativo para mim foram as pequenas transformações que me fiz experimentar para poder usufruir mais plenamente da tua/vossa presença. Por exemplo,



“Do que valem as experiências se não tivermos capacidade para as transmitir aos outros?”

o treino da autodisciplina para não ser eu a fazer sempre como sei, dando espaço para que vocês “*metessem a mão na massa*”; o resultado era diferente do que eu faria (...e muitas vezes melhor). Ou (outro exemplo) o deixar-me surpreender pelas ideias diferentes (formatadas num contexto diferente do meu) e pela criatividade. Isso era um exercício altamente estimulante.

Isto não quer dizer que fosse tudo perfeito, claro. Às vezes sentia necessidade de introduzir algum realismo ou cobrir algumas falhas, mas acho que isso fazia parte das minhas funções de liderança (como faria caso a equipa tivesse outra composição). Se bem que é justo dizer que gente de gerações mais novas podem estar mais sujeitas a variações nas solicitações/pressões a que estão sujeitos (profissionais, familiares, etc) e isso verificou-se, às vezes.

Para terminar, qual foi a coisa mais positiva no trabalhar comigo, enquanto alguém de uma geração mais velha?

“ *O mais significativo para mim foram as pequenas transformações que me fiz experimentar para poder usufruir mais plenamente da tua/vossa presença.* ”

▼ D - Acho que já escrevi isto, contudo nunca olhei contigo como uma pessoa mais velha, ou pelo menos com aquela visão que nós, portugueses, temos de pessoa mais velha (conservadora e complicada). Creio que uma das tuas melhores características é seres observador e é através da observação que fazes do mundo à tua volta que consegues adaptar o teu pensamento ao mundo de hoje.

É verdade que as experiências que já tiveste na vida tornam o contacto contigo mais enriquecedor, pelo menos para quem está ávido de conhecimento. Porém, não são só as experiências, pois do que valem estas se não tivermos capacidade para transmitir aos outros? E isso também conseguiste (consegues) fazer. Creio que a grande mais-valia de seres de uma outra geração é essa de teres experiências e de conseguires transmiti-las.

Hoje apercebo-me que toda a experiência da Região Europeia e depois na Equipa Internacional era para ti uma aposta, tu apostavas

em determinado jovem caminheiro/dirigente e depois fascinava-te veres-nos crescer na nossa função dentro da equipa e davas espaço para isso.

Às vezes os dirigentes mais velhos sentem necessidade de se imporem aos jovens, nunca percebi porquê, mas tu não eras assim, davas espaço para pensarmos pela nossa própria cabeça e discordar de ti e isso sempre foi enriquecedor para o meu crescimento enquanto jovem dirigente e para o próprio trabalho na equipa.

▼ J – Pronto, espero que muitos outros de várias gerações possam ter tido experiências semelhantes ou, se não tiveram, se possam dar a oportunidade de ter. Até já.

João Armando Gonçalves

Membro do Comité Mundial da Organização Mundial do Movimento Escutista

Daniela Nunes

Coordenadora da Equipa Nacional dos Caminheiros e Companheiros



“ (...) *davas espaço para pensarmos pela nossa própria cabeça e discordar de ti e isso sempre foi enriquecedor para o meu crescimento.*”

COLEÇÃO

corpo&alma

TÍTULO

3 | IRMÃOS DE TODAS AS IDADES
A Intergeneracionalidade no Escutismo

AUTORES

Paulo Valdez
Carina Martins
Luís Faustino Carvalho
João Armando Gonçalves
Daniela Nunes

EDIÇÃO

Corpo Nacional de Escutas

ISBN

REVISÃO

Carla Simões

PAGINAÇÃO E DESIGN GRÁFICO

Luís Santos

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

DEPÓSITO LEGAL

1ª EDIÇÃO

Junho de 2012

TIRAGEM

2.000 exemplares



CORPO NACIONAL DE ESCUTAS
Rua D. Luís I, 34 | 1200-152 Lisboa
Tif.: 218 427 020
www.cne-escutismo.pt



Paulo Valdez 51 anos



Luís Carvalho 43 anos



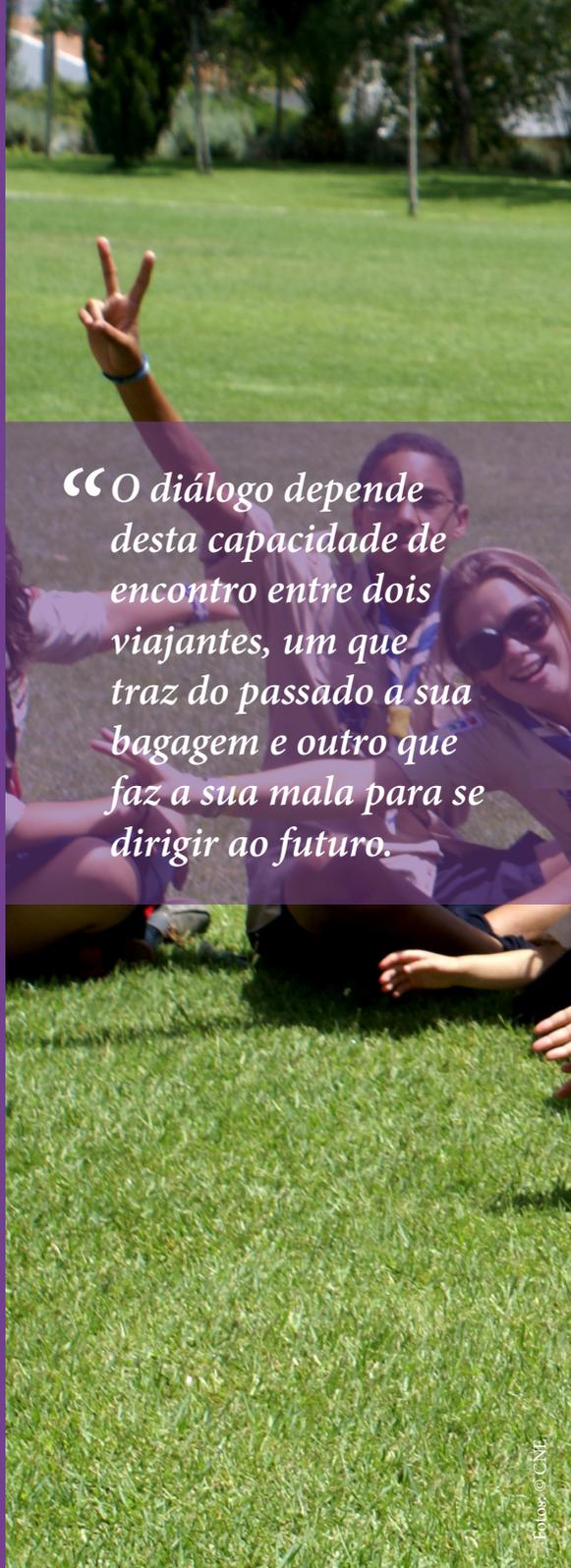
Carina Martins 18 anos



João Armando 48 anos



Daniela Nunes 28 anos



“O diálogo depende desta capacidade de encontro entre dois viajantes, um que traz do passado a sua bagagem e outro que faz a sua mala para se dirigir ao futuro.”